

## **Além da agenda: jornalismo cultural no site “Risca Faca”**

### *Beyond the agenda: cultural journalism on the site “Risca Faca”*

Louise Ariane da CAMPO<sup>1</sup>

#### **Resumo**

O jornalismo cultural atualmente pode ser visto no jornalismo brasileiro majoritariamente através da agenda cultural. A partir dessa realidade, o presente artigo busca apresentar o jornalismo cultural além da agenda cultural que pode ser encontrado na mídia alternativa brasileira. Como objeto de estudo trazemos o site “Risca Faca”, um veículo que pauta cultura e comportamento, como um bom exemplo de jornalismo cultural. Com isso, buscamos apresentar nesse estudo as potencialidades existentes ao se trabalhar pautando a cultura, além de analisar através de uma reportagem como o jornalismo cultural é trabalhado no site “Risca Faca”.

**Palavras-chave:** Jornalismo cultural. Agenda Cultural. Risca Faca.

#### **Abstract**

Cultural journalism now a days can be seen in Brazilian journalism mostly through the cultural agenda. From this reality, the present article search to present cultural journalism beyond the cultural agenda that can be found in the Brazilian alternative media. As object of study webring the site “Risca Faca”, a vehicle that guides culture and behavior, as a good example of cultural journalism. With this, we seek to present in this study the potentialities of working with culture, be sides analyzing through a report how cultural journalism is worked on the website “Risca Faca”.

**Keywords:** Cultural journalism. Cultural agenda. Risca Faca.

#### **Introdução**

O jornalismo cultural é a interface entre duas áreas: jornalismo e cultura. Devido a isso, ao buscar encontrar definições surgem às complicações conceituais em torno

---

<sup>1</sup> Graduanda de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pampa (Campus São Borja). E-mail: dacampolouise12@gmail.com

destes dois termos (SILVA, 2007, p.1). No Brasil, o jornalismo cultural é reconhecido principalmente através de dois gêneros: a agenda e a crítica. A presente pesquisa tem como objetivo apresentar o jornalismo cultural além da agenda cultural, apontando as potencialidades de se trabalhar pautando a cultura.

Para isso, utilizamos o site “Risca Faca”, um portal que aborda cultura e comportamento, o presente artigo, portanto, pretende analisar a grande reportagem “*Bem-vindo ao inferno do Presídio Central*” publicada em 22 de janeiro de 2016<sup>2</sup>. Esse produto foi escolhido, pois abrange vários aspectos culturais interessantes a abordagem que se dá a seguir. Mas, antes disso, pretendemos abordar o surgimento do jornalismo cultural para um melhor entendimento sobre a temática, assim como uma problematização a respeito da produção jornalística nessa editoria.

Para melhor compreender o jornalismo cultural, é preciso previamente entender quais são os conceitos de cultura e jornalismo. Pensar sobre cultura é por si só uma atividade complexa, já que a conceituação da mesma pode derivar de diversas vertentes. Entre os vários autores e críticos que refletiram sobre o conceito de cultura está Laraia (2007), pesquisadora da antropologia, que entende cultura como:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA apud SILVA 2007, p. 4).

Já na área da sociologia, nos deparamos com a ideia de Raymond William sobre o conceito de cultura, o autor propôs uma sociologia da cultura onde estão presentes duas tradições: observacional e alternativa. A primeira, diz respeito a estudos mais acessíveis sobre cultura por instituições sociais, enquanto a segunda entende a cultura sobre condições através de questões como: condições sociais, material social e relações sociais nas obras de arte (SILVA, 2007, p.4).

---

<sup>2</sup> O link para a matéria está disponível em: <<http://riscafaca.com.br/banner/bem-vindo-ao-inferno-do-presidio-central/>> Acesso em: 29 de novembro de 2017.

Refletir sobre cultura, é como aponta Certeau (1994, p.142) pensar sobre toda atividade humana, já que o autor entende que toda produção humana pode ser considerada cultura. No entanto, ela não é necessariamente reconhecida como tal, porque: “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.

Esses conceitos de ambos os autores colaboram para um breve entendimento sobre cultura. Mas entender jornalismo cultural é também refletir sobre o próprio jornalismo. A principal função do jornalista é informar, transformando um mero acontecimento em uma notícia. É o jornalismo que estabelece o que é pautado como notícia ou não, o que é interessante de ser agendado pelos veículos de comunicação ou não.

De um modo relativamente genérico podemos dizer que o jornalismo desempenha uma tarefa fundamental no estabelecimento da agenda, formando a opinião pública, impulsionando a formação de conhecimentos, reduzindo a complexidade social através da criação de temas comuns de conversação (FONTECUBERTA apud CORREIA, 2011, p.13).

Visto isso, nos interessa agora refletir sobre o jornalismo cultural. O jornalismo cultural é o campo do jornalismo que tem como objetivo informar fatos que estejam relacionados à cultura local, nacional ou internacional. Essa especialização inclui inúmeras manifestações culturais, como: música, cinema, literatura, artes plásticas, teatro e a cultura popular em si. No entanto, diferente das outras especializações do jornalismo, tem como principal função analisar e debater criticamente a produção e manifestação cultural na sociedade, ou seja, o jornalismo cultural é uma das maneiras de intermediação entre cultura e sociedade. Nesse sentido, o papel do jornalista cultural é:

Ao jornalista cultural ou ao crítico de cultura cabe o papel de levar à análise e à interpretação, de forma a dar subsídios mais aprofundados para o leitor, refletindo as formas de organização da sociedade através das artes e da produção cultural. À parte expor a filosofia estética de uma obra, por exemplo, cabe também a reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas em que foi concebida, no sentido de apresentar a obra como um processo cultural, na tentativa de captar o

movimento vivo das ideias, e não apenas como produto do mercado da indústria cultural (BASSO, 2008, p. 69).

Para Rivera (1995, p.19), o objeto de produção do jornalismo cultural é uma área complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com objetivo criativo, crítico, reprodutivo ou de divulgação os aspectos que dizem respeito às artes, letras, correntes do pensamento das ciências sociais e humanas e a cultura popular.

## **Surgimento do jornalismo cultural**

Daniel Piza em seu livro “Jornalismo Cultural” aborda que o surgimento do jornalismo cultural se deu em 1711 com dois ensaístas ingleses: Richard Steele e Joseph Addison, ambos criaram uma revista diária intitulada *The Spectator*. “Os dois decidiram lançar a *Spectator* com a seguinte finalidade: ‘Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés’” (PIZA, 2004, p.11).

No mesmo século o Jornalismo Cultural começou a ascender em outros centros urbanos da Europa. Gadini (2003) aponta que em Lisboa o jornalismo cultural ganha destaque a partir de 1755, e só a partir de 1800 que se pode encontrar vestígios históricos de produção cultural em Paris, Barcelona e em algumas cidades italianas.

Segundo Piza (2004), o jornalismo cultural se desenvolveu em paralelo à complexidade urbana e tem em sua origem, a característica da crítica, que começou apenas na literatura, mas depois se estendeu às outras manifestações artísticas, políticas, econômicas e sociais.

É no século XIX que o jornalismo cultural começa a se tornar influente em países como Estados Unidos e Brasil. Figura conhecida por trabalhar com jornalismo cultural nos Estados Unidos foi o autor Edgar Allan Poe. Já no Brasil, o destaque foi para o escritor Machado de Assis, que produzia críticas teatrais e literárias sempre embasadas em críticas sociais (PIZA, 2004, p.16).

O jornalismo cultural não possuía apenas caráter informativo, como aponta Faro (2006, p.158): “Nessa medida, o jornalismo cultural, para além de sua dimensão

informativa e mercadológica, é também uma instância de categorias valorativas e históricas, negociadas entre os vários sujeitos que a produzem.”, ou seja, além da informação há também o caráter crítico.

Atualmente, no Brasil percebe-se o jornalismo cultural em sua essência – abordando criticamente as produções culturais e a sociedade – presente apenas em revistas especializadas sobre a temática ou deslocado para os jornais de fim de semana. A falta de apuração e aprofundamento nas abordagens sobre cultura, assim como, a ausência de crítica traz para o jornalismo cultural uma crise de identidade.

Nesse cenário, observa-se um aumento na produção de conteúdo que visa o entretenimento, em mesma escala, a produção de conteúdo *Hard News*, devido às mudanças que a produção jornalística sofreu com o advento da internet.

As equipes têm menos repertório e ambição e trocam a exigência pela complacência (tudo é bom, desde que o leitor goste) e o charme pela previsibilidade (a construção do texto é convencional, a opinião omitida idem). O resultado, claro, é uma diminuição sensível na pluralidade e criatividade. Tudo isso se deve também às medidas que foram tomadas na última década para igualar o jornalismo cultural aos outros, como o político e o econômico, como se ele viesse da mesma dosagem de “hard news” (PIZA, 2004, p.65).

Esse momento de indefinição do jornalismo se dá como apontado por Pereira e Adghirni (2011, p. 39), pela pressão exercida pelas novas tecnologias, ao crescimento de comunicação organizacional, assim como, o já citado jornalismo de entretenimento. As participações ativas do público através dos comentários em redes sociais nas produções dos veículos e de mobilizações na web também colaboram para essa indefinição.

Nesse sentido, nos aproximamos do site *Risca Faca* como um bom exemplo de produção em jornalismo cultural. O *Risca Faca* é um site da F451 (rede de produtores de conteúdo) que pauta cultura e comportamento. O objetivo do veículo, segundo definição do mesmo, é produzir um jornalismo aprofundado, fugindo da cobertura que acompanha o ritmo da internet e redes sociais.

No Risca Faca encontra-se textos, áudios, vídeos e HQs (história em quadrinhos) em produções como grandes reportagens, críticas e resenhas, dividido em temáticas como: Cultura, História, Televisão, Cinema, Literatura, Sociedade, Comportamento, Música, Arte, Entrevista, Perfil, Olimpíadas.

## **Problematização sobre a produção em jornalismo cultural x Risca Faca**

Historicamente, o Jornalismo Cultural surge com a ideia de uma produção sobre cultura erudita, apresentando a mesma como algo “superior”, sofisticado e formal, como uma “estética burguesa” que era destinada a uma minoria privilegiada. Contudo, com o passar do tempo isso mudou e entende-se como cultura questões mais variadas, com isso a mesma passa a ser mais integradora (SILVA, 2007, p.7).

Se no início do Jornalismo Cultural os ensaístas Richard Steele e Joseph Addison, já citados anteriormente, tinham como objetivo retirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, hoje a situação parece diferente. O que nos leva a refletir: Atualmente, o jornalismo cultural está democratizando a cultura?

Para Silva (2007, p. 10), o jornalismo cultural possui uma dupla postura, pois realiza difusão e análise crítica das culturas, dessa forma ele formata um fórum público de manifestação do pensamento. Porém, atualmente, percebe-se essa afirmação apenas na teoria, pois o jornalismo cultural foi estereotipado e reduzido nos veículos de comunicação tradicionais apenas à agenda cultural. A produção sobre cultura encontra-se em sua maioria na mídia alternativa, como por exemplo, no Risca Faca, entre outros.

O que é contraditório nesse cenário de ausência de abordagem qualificada sobre cultura, é que a produção cultural é um grande negócio. Hoje a indústria cultural é uma das mais consumidas e lucrativas no mundo. No Brasil, por exemplo, a indústria cultural vem impactando positivamente o desenvolvimento do país. Um exemplo que comprova isso é o crescimento econômico verificado pelos dados da Agência Nacional de Cinema (Ancine), que geraram uma renda de R\$ 24,5 bilhões na economia, em 2014. Vargas (2004, p.19) aponta que o setor da cultura é um investimento que gera empregos e empresas disputam esse mercado:

Como em qualquer setor da economia, há funções em que é fundamental uma formação sólida e há também possibilidades de emprego para profissionais de nível técnico. Em termos de demanda, determinado público com poder aquisitivo bem acima da média nacional consome, em relativa quantidade, produtos com alto valor simbólico agregado. E tal consumo gira em torno também de uma imagem vinculada a ele. Em outras palavras, há sentidos em termos de *status* do consumo em determinados bens culturais, donde o alto valor simbólico desse bem, muito diferente do que acontece em outras áreas ou do que acontecia em décadas atrás (VARGAS, 2004, p.19).

Nas produções jornalísticas de veículos de comunicação tradicionais a produção cultural com certo aprofundamento é identificada apenas em cadernos impressos de finais de semana. Nos outros dias, os cadernos saem ou com um menor número de páginas ou são inexistentes, contendo apenas serviços de agenda, como: o que passará no cinema local, quais shows, peças teatrais, musicais, etc., estão acontecendo. Segundo Gadini (2006, p. 6), essa perspectiva de serviço estabelece a lógica dominante da seção de roteiro cultural (guia ou programação cultural) que é diariamente veiculada pela editoria de cultura dos jornais brasileiros.

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa a questão da produção em jornalismo cultural vem sendo debatida (PIZA, 2004, p.43), pois o mesmo não consegue realizar sua função com eficácia. O jornalismo nesse sentido tem a função de:

O jornalismo, que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe (PIZA, 2004, p.45).

A forma de produção jornalística como um todo pode ser vista como um dos problemas do jornalismo cultural. Antigamente, não existia uma pressão sobre qual

veículo publicaria determinada informação com mais rapidez, hoje, com a internet isso é diferente, a produção jornalística é em grande escala e velocidade. Para Vargas (2004, p. 20), essa presença constante do “serviço” – atividade jornalística que tem como finalidade transmitir dados de utilidade pública – parece que tem tornado mais importante a informação de localização no tempo e no espaço (quando e onde será o evento, por exemplo) do que uma análise crítica do evento ou produto em questão.

E nesse contexto, percebemos então a existência da agenda cultural como um recurso de serviço, utilidade pública. Segundo Teixeira (2002, p. 3), a agenda no jornalismo cultural diversas vezes segue a agenda do próprio produto cultural. E muitas vezes a pauta acaba recaindo sobre o produto cultural e não problematiza todos os processos que levaram esse produto a sua configuração final.

A presença da agenda cultural, apenas apresentando o que acontecerá no âmbito das artes e espetáculos reduz e limita o jornalismo cultural dentro de uma concepção de que cultura é simplesmente a agenda. Com essa abordagem midiática o jornalismo coloca em segundo plano as manifestações culturais da sociedade em sua totalidade.

Segundo Basso (2006, p. 10), o jornalismo cultural transborda a análise e divulgação dos produtos da intitulada cultura ilustrada (pintura, escultura, teatro, cinema, arquitetura, literatura, etc.) e inclui também a cultura popular e o comportamento social. Que é o caso visto na reportagem que será analisada neste artigo: “*Bem-vindo ao inferno do Presídio Central*” do site Risca Faca.

O veículo Risca Faca fundado em 2015 é o objeto de análise desse artigo e traz como *slogan* “Jornalismo, cultura, comportamento e um tiquinho assim de carimbó”, como o mesmo pauta a cultura isso se manifesta na forma como são feitas as abordagens em seus produtos jornalísticos.

Os critérios de avaliação de uma produção cultural são diversificados. Utilizaremos como base as dez dicas de produção em jornalismo cultural feitas por Daniel Piza em seu livro “Jornalismo Cultural”.

A grande reportagem “*Bem-vindo ao inferno do Presídio Central*” foi publicada em 21 de janeiro de 2016 e tem como temática o Presídio Central de Porto Alegre, um dos piores presídios brasileiros. A matéria está anexada na editoria “Comportamento”,



contudo, entendemos que a mesma enquadra-se também como uma produção em jornalismo cultural já que como aponta Riveira apud Basso (2006, p.5), o melhor jornalismo cultural reflete lealmente as problemáticas globais de uma época, satisfazendo demandas sociais concretas. A partir do exposto, tendo em vista, que a questão do Presídio Central de Porto Alegre é uma problemática social contemporânea, a reportagem enquadra-se em nosso quesito.

Usamos o site *Risca Faca*, pois o mesmo produz conteúdos além de agenda e serviço. Não se limitando apenas a isso. Nas produções do veículo encontramos abordagens sobre cultura das mais diversas e que exploram criatividade e pensamento crítico sobre as temáticas. Características encontradas na reportagem aqui analisada.

Segunda Piza (2004, p. 86) uma boa reportagem em jornalismo cultural precisa ter uma abertura atraente. Em *“Bem-vindos ao inferno do Presídio Central”*, a abertura remete a um episódio de uma fuga de detentos do Presídio Central em 1994: “Orelógio na parede do luxuoso hotel Plaza São Rafael tinha acabado de marcar 21h30 naquela sexta-feira de julho, quando um estrondo surpreendeu hóspedes e funcionários.”, essa contextualização permite ao leitor imaginar o primeiro cenário da narrativa, além de possuir uma escrita que assemelha-se a literatura, uma característica do jornalismo cultural quando surgiu.

A reportagem é construída através do texto, imagens e *GIFS*<sup>3</sup> (um formato de imagem que pode ser usado em imagens fixas e animações). Os enquadramentos das imagens possibilitam ambientar o leitor sobre as instalações físicas e objetos do Presídio Central. Já os *GIFS* servem como um recurso visual que dinamiza a narrativa. Isso corresponde ao que Piza (2004, p. 87) entende como “Seja criativo no texto e na edição”.

A crítica, uma das principais características do jornalismo cultural, também está presente na reportagem em diversos trechos. Basso (2006, p.3) aponta que diferente das demais áreas do jornalismo que focam nos aspectos informativos de determinado tema,

---

<sup>3</sup>A sigla em inglês é *GraphicsInterchangeFormat*, que pode ser traduzido como “Formato para intercâmbio de gráficos (tradução nossa).”

o jornalismo cultural tem aspecto crítico, analítico, interpretativo e autoral, centrado na reflexão sobre o assunto.

Como primeiro exemplo se tem um trecho da reportagem que contém uma análise crítica e analítica a infraestrutura do presídio e ações do governo do Rio Grande do Sul:

A prisão deveria ter uma infraestrutura sofisticada, mas o governo gaúcho só teve dinheiro para construir metade dos prédios previstos na planta. O presídio foi inaugurado mesmo assim em 1962, com cinco pavilhões de três andares cada, com a capacidade de abrigar 660 presos. Com o passar dos anos, as celas ficaram superlotadas, chegando ao ponto de superar em quatro vezes a sua capacidade (RISCA FACA, 2016).

Como exemplo crítico e interpretativo se tem o trecho sobre as ações dos PMs (policiais militares). Interpretativo porque baseado na fala de fontes e fatos a autora apresenta uma interpretação do ocorrido: “A essa altura, os PMs não queriam abrir mão do poder e dos adicionais de salário que vinham com a atuação dentro do presídio” (RISCA FACA, 2016).

E como exemplo crítico e autoral, se tem o trecho a respeito da prisão de um indivíduo que já era detento do Presídio Central. Além de ser uma crítica, o termo usado que está grifado traz uma identidade para a escrita da autora: “Assim que o crime foi descoberto, um juiz emitiu um mandado de prisão para Marques – um episódio especialmente **esquizofrênico** do sistema carcerário brasileiro considerando que o suspeito já estava dentro da cadeia” (grifo nosso) (RISCA FACA, 2016).

Piza (2004, p. 86) destaca que um bom texto de jornalismo cultural possui ritmo, uma informação está amarrada na outra. A reportagem possui um texto fluído com muitos dados e vozes diversas e sua narrativa se amarra entre si através dos subtítulos, imagens e *GIFS*. Outra característica que é apontada pelo autor diz respeito a exatamente isso: aos subtítulos, legendas, chapéus, títulos, recursos que dão identidade ao texto.

Outra questão apontada por Piza (2004, p.86), diz respeito às versões da história, para o autor não se pode “comprar” uma versão da história para conta-la, é preciso de diversos pontos de vista para confrontá-los entre si. Na reportagem é possível identificar diversas fontes que vão desde o político até o ex-detento, ambos apresentando seus pontos

de vista sobre o Presídio Central o que colabora para uma narrativa completa e que dê suporte para o leitor pensar criticamente a temática.

A última dica de Piza (2004, p.88) refere-se ao fechamento do texto. Assim como, a abertura da reportagem o fechamento ambienta o autor na vida do personagem que esta sendo mencionado: um ex-detento esperando o julgamento.

Silva agora aguarda o seu julgamento em liberdade. Desde que saiu, conseguiu um emprego em uma lanchonete com um amigo, e depois de alguns meses voltou a trabalhar como operador de empilhadeira para uma grande empresa. Mas ele vive com o peso de saber que talvez ainda tenha de voltar para a prisão. E o Presídio Central talvez ainda esteja de pé, pronto para recebê-lo de braços abertos (RISCA FACA, 2016).

Com base no que foi exposto acima reconhecemos a produção do site Risca Faca como um bom exemplo de jornalismo cultural. Além disso, percebemos que nesse contexto de jornalismo em mídias digitais as produções em jornalismo cultural que são aprofundadas e embasadas criticamente estão presentes em sua maioria na mídia alternativa do que na mídia hegemônica. Isso se dá pelas novas formas de produção de jornalismo que a internet possibilita, democratizando não apenas o acesso à informação, mas a produção de informação.

## **Considerações finais**

O jornalismo cultural surge com o objetivo de democratizar a informação contida em livros e a cultura erudita que era disponibilizada para uma minoria privilegiada. Atualmente, percebemos que a produção em jornalismo cultural na mídia hegemônica vai de encontro com o princípio que desencadeou a criação do jornalismo cultural. Hoje, nessa mídia encontra-se apenas o jornalismo de agenda e serviço sem aprofundamento e crítica.

Por outro lado, o uso da internet para produção jornalística mudou a forma como o jornalismo cultural é produzido, um exemplo disso é o site Risca Faca que em suas abordagens aprofundadas sobre cultura possibilita aos seus leitores uma reflexão crítica

sobre as temáticas. Abordagens que raramente são encontradas nos cadernos de cultura de jornais impressos tradicionais.

Tendo em vista que cultura é um conceito complexo e que possui inúmeras vertentes, é fato que a produção em jornalismo cultural é igualmente vasta. Dessa forma, o jornalismo cultural tem o papel de tornar acessíveis essas inúmeras manifestações culturais à população, porém isso requer repensar e recriar suas práticas.

Por fim, pensamos também que a problemática da questão da produção jornalística nos leva à necessidade de reflexão e pesquisa acadêmica sobre Jornalismo Cultural e sua função mais produtiva. Se vivemos essa transformação do Jornalismo Cultural que vem afetando as estruturas do mesmo, é preciso então algumas inferências teóricas para pensar a prática.

## Referências

ADGHIRNI, Z. L.; PEREIRA, F. H. **O estudo do jornalismo em tempos de mudanças estruturais**. In: Texto (UFRGS. Online), v. 1, 2011.

ANCINE, Agência nacional de cinema. **Estudos da ANCINE apontam que o mercado audiovisual brasileiro segue crescendo**. 2016. Disponível em: <<https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/estudos-da-ancine-apontam-que-o-mercado-audiovisual-brasileiro-segue>> Acesso em: 29 de novembro de 2017.

BASSO, E. F. C. **Jornalismo cultural**: uma análise sobre o campo. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006.

BASSO, E. F. C. **Para entender o jornalismo cultural**. Comunicação & inovação, v. 09, 2008.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano I**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORREIA, J. C. F.. **O admirável mundo das notícias**: teorias e métodos. 1. ed. Covilhã: Livros Labcom, 2011.

GADINI, S. L. **Grandes estruturas dos cadernos culturais**: principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros. Revista Fronteira, v. VIII, 2006.

FARO, J.S. **Nem tudo que reluz é ouro**: contribuição para uma reflexão sobre o jornalismo cultural. Comunicação & sociedade, v.28, 2006.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RIVERA, Jorge B. **Periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

RISCA FACA, 2016. Disponível em: <<http://riscafaca.com.br/>> Acesso em: 29 de novembro de 2017.

RISCA FACA. **Bem-vindo ao inferno do presídio central**. 2016. Disponível em: <<http://riscafaca.com.br/comportamento/a-chave-do-casarao/>> Acesso em: 29 de novembro de 2017.

SILVA, A.; CONCEIÇÃO, F. **Jornalismo cultural**: em busca de um conceito. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007.

TEIXEIRA, N. **Impacto da internet sobre a natureza do jornalismo cultural**. BOCC. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, Belo Horizonte, v.000, 2002.

VARGAS, H. **Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo**. Estudos de jornalismo e relações públicas, São Bernardo do Campo, v.4, 2004.